

EDUCAÇÃO E A COLONIALIDADE DE PODER COMO FORMA DE DOMINAÇÃO SOCIAL

Thaís da Salete Gomes da Silva¹

Miguel Rufino de Souza Neto²

Samuel Penteado Urban³

Resumo

O processo de colonização colocou o mundo em uma subdivisão hierárquica, na qual os povos europeus se consideravam superiores e começaram a explorar outros territórios fora do seu continente, e passaram a subjugar e explorar aqueles que viviam nas colônias, além das tentativas de impor as suas culturas, costumes e crenças. Sobre isto, Quijano (2025) destaca:

[...] um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial [...] (p. 117).

Desta forma, o processo de colonização colocou os povos colonizados em situação de marginalidade, enquanto os “colonizadores” foram postos em uma posição de superioridade, sendo vistos como detentores de uma supremacia intelectual. Seus usos e costumes deveriam ser seguidos por todos os povos, com o objetivo de estabelecer uma universalidade eurocêntrica, principalmente no que se refere ao processo educacional

Nesse sentido, vale refletir através do que Rufino (2021, p. 21) discorre, ao citar que “a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização”.

Com base em Ballestrin (2013), o grupo do “giro decolonial” (Ballestrin, 2013), por exemplo, propõe a transformação das relações entre saber e poder, abrindo espaço para que os conhecimentos historicamente ignorados, sejam reconhecidos e valorizados. Nesse sentido, a

1 Mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação (PósEduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: thaisgomes262@gmail.com.

2 Mestrando em educação e graduação em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Professor e coordenador pedagógico na educação básica. Email: miguelneto2007@hotmail.com.

3 Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: samuelurban@uern.br



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



educação decolonial configura-se como um campo de afirmação das identidades e de valorização dos saberes locais.

Atualmente, o colonialismo não se manifesta de forma tão evidente a todos, mas vivemos os resquícios desse processo de imposição, quando as pessoas permanecem separadas por “linhas invisíveis”, nos quais uns passam a adquirir direitos para dominar e explorar contra os povos que não se alinham com os princípios exigidos.

Conforme nos diz Quijano (2009, p.73) “a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder”. Nessa perspectiva, o poder se encontra concentrado em torno de pessoas/grupos que atendem a critérios visuais de uma classificação dada pelo padrão eurocêntrico, ficando os povos do mundo divididos em blocos dualista, dos que pertencem ou não pertencem a determinado padrão social.

Essa dualidade própria das estruturas de modernidade/colonialidade permite compreender a continuidade das formas de dominação próprias das colônias, mesmo depois de um período emancipatório, para manter as estruturas do capitalismo moderno (Grosfoguel, 2009). Com isso, se questiona: *Qual é a percepção dos discentes do curso de Pedagogia sobre as estruturas de poder e de que maneira elas influenciam a formação das classes sociais?*

Para isso, foi realizada uma breve entrevista semiestruturada com dois discentes do curso de Pedagogia da UERN, Campus Central. A escolha dos participantes se deu por meio de convite e sequente aceite de discentes que aceitaram participar da pesquisa. Destaca-se que esses convites se deram no âmbito de uma atividade prática da disciplina Seminário de Pesquisa, vinculada à Linha de Práticas, Diversidade e Inclusão do Mestrado em Educação. A atividade consistia em selecionar sujeitos relacionados ao nosso objeto de estudo para aplicação do instrumento de entrevista, sendo está uma investigação qualitativa onde a fonte de dados é o ambiente natural, estando o investigador mais interessado no processo que nos resultados, porque os significados são importantes para as respostas as subjetividades. (Bogdan, Biklen, 1994).



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN

POSEDUC





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



Foram entrevistados dois jovens, ambos com 21 anos, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Para fins de identificação neste trabalho, eles serão referidos como Sujeito 1 e 2. Ao serem questionados sobre a compreensão das diferentes formas de poder presentes na sociedade, o Sujeito 1 afirmou que, de modo geral, o poder está concentrado nos políticos. Já o Sujeito 2 concordou que “a política é o maior campo, o mais concentrado de poder, porque, querendo ou não, eles têm o controle sobre a sociedade; mas nós também temos o nosso poder individual, de cidadão mesmo, o poder de sair para algum lugar, o poder de viver...”.

Quando questionados sobre a percepção de poder e influências na hierarquização das classes sociais, o Sujeito 1, explica:

“Quem tem mais poder, tem mais direitos, e no caso da política e dos políticos, muitas vezes eles favorecem mais aos ricos do que aos pobres, tanto que rolou esses tempos a taxação dos super ricos e muita gente acha um absurdo. Acho que a política é muito desigual, as vezes ela acha que está fazendo algo para o público, os cidadãos, no geral, mas por traz é tudo para encher os bolsos dos mais ricos”

Enquanto o Sujeito 2 esclarece: “Os políticos dizem que trabalham pela comunidade, por todos os povos e classes, mas, infelizmente é notório que eles favorecem as classes deles. Muitos se denominam ser de classe humilde, mas lá dentro se tornam classe alta e acabam favorecendo o seu próprio grupo”.

Neste sentido, Quijano (2009), fala sobre denominações e relações entre o poder: “o poder é o espaço [...] de exploração/dominação/conflito articuladas [...] trabalho e os seus produtos [...] os seus recursos de produção [...] subjectividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento... a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular (p.76), ou seja, há uma articulação entre o poder, economia, sociedade e culturas envolvendo relações de exploração e influência sobre a consciência individual.

Sob essa perspectiva, faz-se necessário pensar a classificação social para além das posições de poder, relacionando-a “aos lugares e aos papéis das gentes no controlo do trabalho, dos seus recursos (incluindo os da ‘natureza’) e seus produtos; do sexo e seus produtos; da subjectividade e dos seus produtos (antes de tudo o imaginário e o conhecimento); e da autoridade, dos seus recursos e dos seus produtos. (Quijano, 2009, p.100).



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



Diante do debate sobre educação e poder, perguntamos aos entrevistados: em sua visão, de que forma a formação educacional interfere na distribuição do poder na sociedade? O Sujeito 1 responde: “Nós vivemos também em um mundo com muita alienação, que as coisas veem e é imposta e muita gente aceita. Através do conhecimento, você tem mais autoridade e poder de pensar e não aceitar e se rebelar contra aquilo”. Já o Sujeito 2 afirma:

O cidadão é para ser crítico e é por meio da educação que desenvolvemos essa criticidade, daí vamos conhecer e reconhecer o nosso lugar dentro da sociedade e quais são os nossos poderes, direitos e deveres. Nós enquanto professores em formação temos a responsabilidade de influenciar os nossos discentes a pensar sobre.

Para Santos (2009), a ecologia dos saberes propõe que o conhecimento é interconhecimento, valorizando a diversidade epistemológica além do saber científico. Reconhecer a diversidade cultural não implica necessariamente aceitar diferentes formas de conhecer, razão pela qual a ecologia dos saberes se apresenta como uma contra-epistemologia.

Quando os sujeitos foram questionados sobre como se reconhecem enquanto indivíduos na sociedade e de que forma percebem sua relação com as estruturas de poder, obtivemos as seguintes respostas: Sujeito 1: “Na sociedade eu sou me reconheço enquanto ocupante de lugar de privilégio, sou uma mulher ‘padrão’ e branca. Jamais vou sentir o que as mulheres negras sentem, mas enquanto mulher existe sim a desvalorização”. O depoimento ilustra a interseccionalidade, mostrando que a participante, enquanto mulher branca, possui privilégios raciais, mas ainda enfrenta desvalorização de gênero, evidenciando como diferentes formas de opressão se cruzam. Sobre isso, Leal (2024) discorre:

Ao abordar a interseccionalidade, examinaremos as interações complexas entre raça, gênero e classe social, reconhecendo que as experiências de opressão e privilégio são moldadas por esses aspectos interconectados da identidade. Compreender a interseccionalidade nos permite ir além de uma análise simplista e unidimensional das desigualdades sociais, possibilitando uma visão mais ampla e contextualizada das experiências vividas por diferentes grupos sociais. (p. 33).

Ainda sobre o último questionamento feito, o Sujeito 2 nos traz uma reflexão a respeito das mazelas da colonialidade, neste sentido, a que diz respeito a forma de ser: “Sou



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



de uma classe social mais baixa, me sinto excluído pelo fato de ser estudante e principalmente por minha orientação sexual (homossexual)”. O depoimento evidencia como a colonialidade do ser atua na subjetividade, mostrando que a exclusão vivida pelo participante, em razão de sua classe social e orientação sexual, vai além da opressão institucional, afetando sua identidade, autoimagem e percepção social. Ainda sobre isso, podemos mencionar Grosfoguel (2009), quando afirma que o patriarcado, por meio do eurocentrismo, determinou o padrão de sexualidade: “O patriarcado europeu e as noções europeias de sexualidade [...] foram exportadas para o resto do mundo através da expansão colonial (p. 391), tendo como modelo a ser seguido em todos os espaços por eles ocupados, o padrão de “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/ europeu” (p. 390).

Conclui-se que, segundo os autores decoloniais aqui apresentados, a sociedade moderna se sustenta sobre uma base colonial de poder, que reproduz desigualdades no campo do conhecimento, da raça e da cultura. Nesse contexto, é possível relacionar a ideia de Larrosa (2009, p. 28) de que “se o experimento é genérico, a experiência é singular”: enquanto a lógica do sistema moderno tende à homogeneidade e à reprodução de consensos, a lógica da experiência reconhece a pluralidade, a diferença e a heterogeneidade das vivências, apontando para a necessidade de descolonizar as relações de saber, poder e subjetividade.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 11. Brasília, 2013, p. 89-117.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Kanopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução: João Wanderley Gerald. Revista Brasileira de Educação. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

GROSFOGUEL Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina. AS. Coimbra, 2009.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



LEAL, Franklin Paulino. **Contextualização Histórica e Social da Desigualdade Racial.** Franklin Paulino Leal. Campo Grande: IFMS, 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Edições Almedina. AS. Cimbra, 2009.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização.** 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul.** Edições Almedina. AS. Cimbra, 2009.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

